

# O reconhecimento do próximo

Marcelo N. Viñar

Na busca tão necessária do "nós", que define o próprio, o *diferente* é inquietante. O que fazer com o estranho e com a ruptura que ele provoca?

Nos estudos de Antropologia Política de Pierre Clastres<sup>1</sup>, estudioso francês que conviveu muito tempo com tribos indígenas sul-americanas, cita-se o fato de que, frequentemente, os indígenas designavam-se com um vocábulo que, em sua língua, era sinônimo de "os homens", reservando para seus congêneres de tribos vizinhas termos como "ovos de piolho", "sub-homens", ou equivalentes de valor depreciativo.

Trago esta referência eloquente - que Clastres denomina etnocentrismo - de uma xenofobia em

sociedades primitivas, porque ela nos tenta a propor origens precoces, talvez constitucionais ou genéticas, para o ódio e para a rejeição das diferenças.

Alguns dizem que a mesma precocidade se encontra nas crianças. Uma menina uruguaia, seguramente descendente de europeus - o que é o mais comum em nosso país, após o genocídio dos indíge-

Marcelo N. Viñar é psicanalista e reside no Uruguai. É autor de *Exílio e Tortura*, conjuntamente com Maren Viñar, publicado pela Editora Escuta. Tradução: Maria Angela Santa Cruz.

nas - confessa, entre indignada e temerosa, sua repulsa pelo menino japonês que chega à sua classe (fato raro em nosso meio), e argumenta que a linguagem dele é incompreensível, que seus traços faciais são diferentes e insólitos.

por serem primitivos, e seus perfis culturais são freqüentemente pautados mais rigidamente do que na sociedade moderna. Suas regras de convivência, aliança ou inimizade devem ser buscadas por caminhos menos monótonos que os

a subjugar ou a exterminar.

O primeiro passo - nem por isso menos importante - em direção ao problema que estamos abordando é o reconhecimento de sua existência como problema e de seu grau de dificuldade: o outro, meu semelhante, me coloca desafios para os quais não tenho resposta límpida, mas balbuceios contraditórios. Se a proposta cristã do "amarás ao próximo" não é eficaz, e a do nazista - "exterminalo-ás" - não é sustentável, só nos resta a via árida, árdua e seca de tematizar e gerar narrativas que permitam simbolizar a presença do semelhante e do diferente em duas existências não excludentes, sabendo que a metáfora conciliadora e a metáfora da exclusão estão sempre rondando, podendo culminar ou na epifania de um entendimento, ou na monstruosidade de um sacrificado e de um torturador.

O outro surge como alguém a subjugar ou a exterminar; a metáfora conciliadora e a metáfora da exclusão estão sempre rondando.

Se as crianças e os primitivos reagem deste modo - poder-se-ia concluir precipitadamente - o que eles manifestam de forma tão primária e transparente é algo que os desenvolvimentos posteriores da civilização tornarão evidente de maneira mais complexa e sofisticada, mas com a mesma contundência elementar.

Mas, por este caminho, junto com a inclinação humana a buscar causalidades simples e lineares, estamos a um passo de "encontrar" explicações instintivistas para o ódio e para a violência, em uma hierarquização em que a natureza precede a cultura, território perfeito das argumentações racistas.

"A natureza", "o biológico" como "a" origem ou "a" causa, operam como explicação segura e tranquilizante frente a questões que nos encurralam na ignorância e na insegurança de um saber parcial.

Basta deter-se um instante para reagir à falsidade pseudo-probatória da demonstração.

Os povos ágrafos - a cultura primitiva - não são "mais naturais"

das diferenças étnicas. A noção de identidade grupal, que pretende aludir a um referente que pré-existe ao discurso é, na verdade, seu produto.

Lembro com prazer das minhas caminhadas pelo parque quando meu andarilho filho mais novo era pequeno, e da minha surpresa ao ver em seu pequeno corpo um retrato gestual de mim mesmo. Não preciso povoar esta lembrança de explicações genéticas, e sim miméticas.

Quer se seja primitivo, criança ou adulto ocidental moderno, reconhecer e qualificar o outro é um problema árduo e interminável como um labirinto. Ainda que nos falemos do próximo ou do semelhante a partir da religião e "dos princípios morais universais", é necessário, para poder pensar mais longe, não se deixar enganar por uma visão angelical do homem como sendo essencialmente bom, e sim partir do axioma oposto (que um olhar à História e à vida íntima e familiar nos fazem constatar com estremecimento): o outro surge sempre como alguém

Em nossa prática clínica na América Latina, o problema se coloca com frequência. Sabe-se que muitas mulheres brancas da América Central não se depilam, contrariando o ideal de beleza ocidental (do qual são subsidiárias em outros aspectos), para marcar a diferença com a indígena, que não tem pelos.

Um paciente peruano, mestiço, veio consultar por idéias delirantes sobre seus pés, que exalariam um odor insuportável. Na descrição, voltava com insistência à seguinte expressão: "Eu quero ser claro". Clareza que o trabalho analítico remetia à "raça branca" de um de seus progenitores. A preocupação delirante com o odor concernia à ambivalência em relação ao outro progenitor, que amava, mas que pertencia à "raça inferior".

Como resumiu Marie Claire Calloz, citando C. Castoriadis: "O racismo participa de algo muito mais universal do que se admite habitualmente. É um fruto parti-

cularmente agudo e exacerbado, especificação monstruosa de um traço que se constata empiricamente como sendo quase universal nas sociedades humanas. Trata-se da incapacidade de constituir-se como si mesmo sem excluir o outro, e da incapacidade de excluir o outro sem desvalorizá-lo e finalmente odiá-lo".

Nosso ponto de partida será, então, reconhecer no outro seu aspecto inquietante e fobígeno, não obturar nem enclausurar esta inquietude diante das diferenças com o mito utópico das epifanias. Reconhecer o conflito para nele transitar; não pretender conciliar as diferenças; e trabalhar sempre numa transparência diferenciada e parcial. É curioso, como assinala Fernando Andacht, que com o mesmo termo - inquirir, inquisição - podemos fazer o melhor e o pior.

Voltando às palavras de ordem cristãs, fonte de nossa cultura, evoco novamente o "Amarás ao próximo como a si mesmo". Um psicanalista pode ouvir isto com humor e picardia, já que nosso trabalho clínico de todos os dias torna clara a capacidade do humano de se maltratar e até de se destruir nessa viagem a que se propõe cada destino - a do impossível caminho para a felicidade.

1. Na árdua tarefa de reconhecer e de qualificar o próximo - problema que emerge e se coloca tanto no nível dos indivíduos como no das comunidades - não temos outro remédio (ao menos não vejo outro caminho) do que recorrer a uma pluralidade de disciplinas, a uma salada mista de observações e de códigos teóricos, para poder ao menos esboçar um delineamento do problema, sem pretender soluções para suas tensões. (Sem dúvida, a xenofobia é a expressão mais mortífera e odiosa de uma "solução" para esse problema.) Mas, como pensa Gerardo Caetano<sup>2</sup>, "sem uma 'resposta' a essas 'perguntas', sem estas

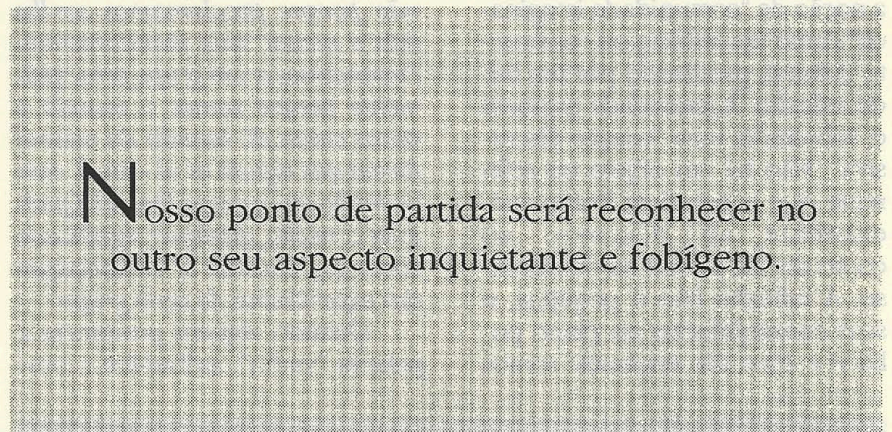
definições, não há mundo humano, nem sociedade, nem cultura, pois tudo permaneceria em um caos indiferenciado. A função das significações imaginárias é prover uma resposta que nem a 'realidade' nem a 'racionalidade' são capazes de proporcionar".

Se me perguntarem quem sou eu, seguramente responderei com a página de identidade do meu passaporte: nome, idade, profissão, nacionalidade. Mas, uruguiaio quer dizer "sudaca"<sup>3</sup> na Espanha e "hispano"<sup>4</sup> nos Estados Unidos, epítetos que conotam o deslizamento

de valores do outro e me assimilo a ele, ou lhe imponho minha própria imagem e o assimilo a mim - aqui a tensão é a de quem submete a quem.

- Por último, só se conseguirmos questionar os dois eixos precedentes, diferenciando-os, é que se poderá introduzir a terceira dimensão: a operação epistêmica - conhecer e reconhecer a alteridade - que só se constitui, insistimos, com a superação dos eixos precedentes.

As três dimensões - amar/odiar, conquistar e conhecer



mento de um elemento descritivo para um juízo de valor, e que denunciam o caráter posicional e não substantivo da proposição.

T. Todorow<sup>5</sup>, em um livro onde postula que o semiótico não pode ser pensado fora da relação com o outro, lembra que este vínculo não se constitui apenas numa única dimensão, que há ao menos três eixos para situar a problemática da alteridade:

- O primeiro é axiológico, um juízo de valor: o outro é bom ou mau, amo-o ou não, é meu igual ou meu inferior, como diziam os índios guayakis citados por Clastres. (Por outro lado, Freud também sustentava em seu texto sobre a Negação, de 1925, que para a operação mental o juízo de valor precede o da existência).

- O segundo é praxeológico:

- são o tripé semiótico onde se processa a possibilidade do encontro com a alteridade.

2. No nível da sociedade, a noção de *nação*, ou de *identidade nacional*<sup>6</sup> padecem da tentação essencialista (ou falácia referencial), como na definição de Seton Watson: "*Continuidade narrativa de progresso nacional, de auto-geração narcisista, de auto-realização de uma cultura e sociedade homogêneas*". Se algo desta definição pode ser pensado para as sociedades européias, seus conceitos são dificilmente aplicáveis às comunidades latino-americanas, construídas a partir do genocídio indígena e sobre imigrações européias e africanas, em uma formidável diversidade étnico-cultural. Mas, para adaptar-se às exigências dos padrões eu-

ropeus, os civilizadores “criollos”<sup>7</sup>, que não tinham suporte para a noção histórica da nação-estado (isto é, uma organização jurídico-institucional baseada na pré-existência de uma longa história compartilhada pelos membros da comunidade), tiveram que criar o estado-nação - “organização quase *ex-nihilo*” - a fim de “criar” uma consciência nacional onde esta não existia<sup>8</sup>. A história da identidade nacional está, pois, marcada pelas exigências do poder hegemônico, econômico e cultural.

Os autores aos quais me remeto<sup>9</sup> propõem, então, privilegiar a noção de “comunidade imaginada” como um artifício ou construto cultural, produzido por um ato de reflexão. A identidade nacional é, sobretudo, uma “criação discursiva”. Não há um objeto ou referente que a constitua como pré-existente ao discurso; ao contrário, ela é produto do discurso. A inflexão não é pequena, e suas conseqüências no plano político e ético são enormes: somos

se de entidades estáticas que fixam a noção de identidade coletiva a processos que tiveram sua vigência no tempo e no lugar de sua fundação, mas que sofrem o desgaste e a influência das aquisições ou mutações dos processos históricos, para dar àquelas entidades a flexibilidade de um processo em constante reformulação, na exigência de considerar o passado para entender os desafios do presente.

Ainda uma citação, tomada de Karl Mannheim: *“Pertencemos a um grupo não só porque nascemos nele, ou porque dizemos fazer parte dele; não porque proclamamos ser-lhe fiéis e acatar seus mandamentos. Pertencemos a um grupo principalmente porque vemos o mundo e certas coisas do mundo da mesma forma que aquele os vê - isto é, com o sentido que o grupo lhes dá. Qualquer conceito, qualquer significado concreto, contém a cristalização das experiências de certo grupo”*.

Quando alguém pronuncia a palavra “vinho”, atribui-lhe o sen-

trimônio de uma comunidade da qual faz parte. Estas estratégias, que poderiam muito bem ser consideradas como uma *espécie de forma cognitiva*, existiriam previamente a qualquer texto ou mensagem a decodificar. Deste modo, haveria uma série de indivíduos pertencentes à mesma comunidade interpretativa, que, ante um dado texto, o decodificariam da mesma maneira, ou, quando muito, de maneira semelhante.

Como Hanna Arendt indica, é de grande importância o peso da trilogia “autoridade, tradição, religião” como entropia e força inercial para o esforço de discernimento vivo e original com que os indivíduos e grupos enfrentam os problemas atuais, em sua incessante novidade.

Pensar por si mesmo não é um dado primário, disponível alegremente no ponto de partida, mas o resultado da aflição e da penúria de um esforço de pensamento, no qual ao gozo e ao deleite do reconhecer e do descobrir se opõe o sentimento de traição ao consenso, da criação como transgressão. O exemplo mais famoso e conhecido é o de Galileu.

Recentemente, um biólogo - Stephen Gould -, em seu livro *La vie est belle*, evidenciou o fato das idéias recebidas do darwinismo forçarem a interpretação do achado de novos fósseis à luz do evolucionismo darwiniano, e de como foi preciso quatro décadas para reinterpretar uma nova teoria da evolução da vida. Durante este tempo, foi mais forte a marca da forma cognitiva darwiniana, já oficial e aceita, do que a evidente novidade que os novos achados traziam.

É, pois, necessário desprender-se da falácia referencial (entidades estáveis que precedem o discurso) e situar-se na realidade do discurso. As palavras que usamos têm todos os sentidos que lhes deram aqueles que as usaram

**A** identidade nacional é sobretudo uma criação discursiva: não há aqui objeto ou referente que pré-exista à linguagem.

o que somos não por um fatalismo de imanência essencialista; somos o que coletivamente podemos construir, na dinâmica de um tecido social em contínua metamorfose, e na reformulação contínua de suas expressões jurídicas-institucionais.

Parece-me, então, um imperativo ético e político desprender-

tido que tem para determinado grupo. Pense-se na França e em um país muçulmano, por exemplo.

Segundo Stanley Fish<sup>10</sup>, quando um indivíduo se confronta com um texto, decodifica-o munido de uma série de estratégias interpretativas que não pertencem exclusivamente a ele, mas que são pa-

antes de nós. "Quando falamos de identidade coletiva, somos falados pela história destas palavras" (G. Verdesio), com as presenças e valores que carregam.

Quando uma comunidade institui seus textos, seus mitos, seus valores éticos e estéticos, está gerando simultaneamente sua margem: o que se institui como marginalidade e dissidência - a cor da pele, a fé religiosa, as condutas sexuais, os loucos e os esquisitos. Michel Foucault vê neste movimento um vetor essencial do motor da história: a produção incessante de divisão e de segregação.

A partir de nossa escolha profissional e política, nosso trabalho consiste em trabalhar na margem (Serge Leclair postula que a função do psicanalista está destinada a escutar o que não se diz. Trabalhar na margem para reintegrar ao consenso (ao establishment) o que tende a ser expulso e desprezado.

3. Faz meio século que surgiram na Europa os movimentos de psiquiatria anti-asilar, que tiveram a sorte que conhecemos. Ação em prol dos loucos, de natureza técnica, acadêmica e ética, mas também política, porque o sistema manicomial pauta, marca e institui um padrão de tratamento do *diferente* na "saúde mental", assim como acontece na estrutura social ou nas formações étnico-culturais.

Volto à psicanálise e cito Alain Didier Weill: "Na condição humana, o que é universal em cada sujeito (e que grupalmente leva à comunhão grupal) é o fato de estar habitado por um impossível a significar (uma zona não simbolizável). Estes núcleos rebeldes à simbolização (quer dizer, radicalmente inacessíveis ao saber) correspondem ao mais íntimo de cada ser e atravessam as gerações".

Este mistério do ser (ou enigma da origem) é mobilizado e atualizado na relação com o es-

trangeiro. Diante da irrupção do estranho, da alteridade, de sua incógnita, de seu caráter inacessível, que lugar poderíamos atribuir-lhe?<sup>11</sup>

Desde Parmênides, a mente racional aponta para uma teoria do ser, para a consistência e unicidade de uma essência; o representável se conserva na memória consciente, ou se reprime e se inscreve na memória inconsciente. Mas, então, que fazer quando a mente se vê confrontada com o irrepresentável?

Uma resposta à irrupção do estranho é a paixão taxionômica, que responde com o ódio radical ao *diferente*, como se este fôsse anti-nômico do próprio ser.

Outra solução possível para esta angústia é a experiência esté-

se tratar o problema desde dois ângulos: questionar uma identidade não é apenas definir o que esta contém e alberga em seu interior, mas é também definir suas fronteiras e limites, e ainda, interrogar como tratamos esse Fora - diferente e fobígeno.

Na matriz etno-cultural à qual pertencemos, as idéias consensuais - dominantes ou transgressoras - configuram um modo de pensar e de se posicionar frente ao amor, à morte, à constituição do sagrado e do intolerável, aos ideais e aos valores éticos e estéticos.

Não há ponto virginal para um sujeito singular, e sim um ponto de adesão, de rejeição, ou de questionamento do que se recebe como instituído. Na magia coletiva

## Frente à irrupção do estranho, da alteridade, qual o lugar que podemos lhes atribuir no funcionamento psíquico?

tica, na qual se conjugam maravilhosamente e espanto, o monstro se mostra e o escondido se torna acessível, resolvendo-se com a abertura da operação epistêmica, possibilitadora do *diferente*. Mas esta operação implica em renunciar à aspiração de pureza do ser, porque o estrangeiro se apresenta como decomposição da unidade, como fermento dissipador de corrupção, que abre os riscos e incertezas de trocar o único pelo múltiplo (tanto na cidade e nos costumes como no funcionamento mental).

4. Parece-me um progresso a compreensão da necessidade de

do que é postulado pelo *establishment*, pelos mestres ou pelos heróis, não se trata de pretender a liberdade, mas de discernir, negociar e administrar as dependências, sabendo que pensar por si mesmo e parir a própria alteridade implicam em trabalho, dor e risco. Na sugestão coletiva em que estamos sempre imersos, a singularidade que a experiência analítica busca e propicia precisa desse limite, fronteira entre o pessoal e o coletivo, ponto de disjunção que alerta contra uma megalomania solipsista e totalizante, sempre ativa e em ação em cada um e em todos nós.

Há um ponto originário, mítico, mágico ou sagrado no qual se discrimina o familiar do estrangeiro, o próprio do estranho. É sobre este ponto que queremos nos interrogar.

**As mesmas forças que engendram as facetas saudáveis do perfil identitário contêm a energia da exclusão, forma mais comum de tratar o diferente.**

A observação de lactantes situa a fobia ao estranho por volta do oitavo mês; esta contrasta com o júbilo com o qual a imagem visual, acústica ou olfativa da mãe (ou de seus substitutos) é festejada. Se o bebê é tão bonzinho que não chora na circunstância do estranhamento, então, como diz Melanie Klein, este é um mau presságio para sua organização psíquica posterior, o que indica a importância da função estruturante desta primeira discriminação.

Da importância dos núcleos identificatórios iniciais e/ou dos acasos de sua constituição, se ocupa toda a psicopatologia psicanalítica, e de modo particular a teorização lacaniana, que faz da perda e da metonimização do núcleo original a base da constituição do sujeito.

Para não repetir o já estudado e conhecido na teorização sobre a constituição de um sujeito singular, quero me descentrar do desenvolvimento habitual e tomar, como eixo de reflexão, no enigma das origens, não o que define o sujeito em sua singularidade, mas aqueles traços identificatórios que

se referem ao vínculo social, e que definem por sua vez a comunidade - conjunto transubjetivo - e/ou os sujeitos que a constituem. Sentimento de comunidade que se faz evidente e convincente em seus

aspectos emocionais e passionais, como aquele grito de gol de triunfo no esporte, ou o dos espanhóis diante da passagem do toureiro, ou de um rosto ou um gesto, a música de uma frase ou de uma canção, a evanescência de um cheiro ou de um sabor, capazes de fazer surgir, sem vacilação, a presença e a certeza de uma identidade. O amor e a nostalgia fabricam lugares sagrados, sem equivalência nem comparação com nenhum outro. Jacques Lacan inventou o neologismo "extimidade" para indicar o traço da intimidade que se lê no exterior.

Tudo isto resiste a uma genuína elucidação racional ou discursiva, ainda que sua condição de emblemas compartilhados sejam de uma evidência fulgurante. Comunidade que se reconhece na sensibilidade compartilhada de um lugar - geografia patética, diz Vladimir Yankélévitch - ou de uma época. A historiografia moderna de George Duby ou de José Pedro Barrán em nosso meio, os estudos de psicologia histórica de Jean Pierre Vernant, ilustram este ponto de vista de maneira luminosa.

A dimensão épica e a exaltação que comporta provavelmente têm em cada cultura seus ritos e lugares preferenciais de expressão e de catarse. O futebol tem sido entre nós o que as Olimpíadas, as façanhas, os ordálios - meus conhecimentos de História e de Antropologia são escassos para continuar a lista - foram em sua época: manifestações nas quais se expressa o que Freud denominou de "almas coletivas". A confusão destas criações coletivas acontece quando a festa termina em atropelo, como em *As Bruxas de Salém*, ou na Inquisição, ou, mais domesticamente, na cena de linchar o inocente que todos vemos nos filmes de *cowboys*. Em seu tempo, o espírito alemão foi invocado para produções tão sublimes como uma filosofia e uma música que se tornaram universais, mas também para outras monstruosas, como o nacional-socialismo.

O que é necessário detectar na exaltação dessa alma plural que nos constitui não deve ser buscado apenas em seu interior, mas em sua necessidade estrutural de fabricar ou de gerar outra figura complementar e imprescindível: a figura do estrangeiro ou a do inimigo.

Tal como assinala Cornelius Castoriadis, as mesmas forças ou fatores que engendram as facetas saudáveis e fundantes de um perfil identitário contêm - ao menos potencialmente - a energia de rejeição e de exclusão, formas mais comuns de se tratar o diferente.

Para pensar cada identidade nacional de hoje em dia, não se pode buscar uma semiologia abstrata e alheia à História, nem tampouco pretender uma compreensão do presente com uma semiologia descritiva e funcional, que pretenda uma objetividade para além da ética. Há premissas éticas e metodológicas. Nosso ponto de partida - com Hannah Arendt - é de que "a pluralidade é a lei do universo", o mais constan-

te e universal de todo fenômeno humano. O mito do único, do excelso, ou do puro - apimentando nossa discussão - fazem com que o "molho fique indigesto".

Direito de sangue ou de nascimento, vizinhança, são o magro e poderoso recurso jurídico para definir a nacionalidade. É só faltar a cédula de identidade, ou o passaporte, ou o acesso à repartição pública competente que os expede, para uma pessoa se dar conta de quão importante ela é. Tal como o ar e a água, sua presença é silenciosa; só quando faltam é que sua ausência se faz angustiante.

Num planeta em expansão demográfica, com meios de transporte também em expansão, com meios de comunicação de massa no auge e com um aumento das diferenças econômicas - 1/8 da população acumula o poder e a riqueza e 7/8 encontram-se em pauperização crescente -, nesse mundo atual e no que está por vir, as pressões migratórias são e serão um fator político decisivo.

5. Cem anos depois das descobertas freudianas, qualquer psicanalista sabe que nenhuma pessoa pode dizer, conclusivamente, quem é. Mas exatamente essa impossibilidade é o aguilhão para uma busca interminável, que se inicia na alvorada da consciência e dura até a véspera da morte. Todo psicanalista sabe também, por introspecção e por acumulação informativa, que nos momentos nodais dessa reflexão - momentos de exaltação feliz ou dolorosa - as respostas são sempre fragmentárias, mas sempre ávidas de totalização, podendo esquematicamente ser agrupadas como na piada grotesca do copo de água pela metade: o otimista diz que está meio cheio e o pessimista diz que está meio vazio.

Aparece ainda um outro traço, quando a questão sobre a identidade se coloca mais livremente: esta vacila entre a primeira

pessoa do singular e a primeira pessoa do plural. Oscilação entre "eu" e "nós", que deixa sempre um ponto inconcluso e em suspensão: Quem sou? Quem somos?

A pergunta sobre a identidade não funciona como na lógica dos objetos do pensamento, distintos no tempo ou no espaço, que apresentariam as mesmas qualidades (como diz Lalande), ou como na aritmética ( $A=A'$ ).

A distinção entre a analogia e a diferença não se refere ao que "se tem em comum", mas ao que "se põe em comum".

As peripécias de Branca de Neve e de sua madrastra nos ensinam mais sobre nosso tema do que o dicionário de lógica ou de psicologia: "Espelho, espelho meu, existe alguém mais bela do que eu?" O conhecimento que todos temos da obra em questão nos permite extrair dela alguns comentários: o fato de se acreditar que o outro tem aquilo que me falta ou que desejo possibilita o acesso a uma dialética singular, na qual os termos em oposição são

car, seguindo esta argumentação, uma "distância ótima", onde a surpreendente exaltação do ódio ao semelhante, de natureza paradoxal, se apaga quando a diferença é radical e facilmente discernível.

O termo "identidade" tem um risco: parece apontar para o reconhecimento ou identificação de elementos definidos e estáveis, para, em seguida, essencializá-los. O termo "identidade" enfatiza o que "se é" e não o que "se busca"<sup>12</sup>, podendo ter o defeito de funcionar como "espartilho" ou molde rígido. Parece convidar a discernir o essencial e a despojá-lo do acessório ou contingente, em uma postura taxionômica que promove mais a classificação do que o pensamento, podendo levar à tentação das definições objetivas, ficando subentendido que a subjetividade adquire ou não veracidade em função de tal ou qual conhecimento universal e objetivo.

Trata-se, então, de expressar como alguém encarnado se identifica em sua pertinência político-cultural, como pessoa, grupo ou

O termo *identidade* enfatiza o que se "é", não o que se "busca", o que implica o defeito de funcionar como espartilho ou molde rígido.

necessários na mesma constelação. Sua conjugação deixará aparecer um sujeito dramático, shakespeariano ou freudiano, preso a realidades alucinatórias, compreensíveis não como falha de percepção, mas como excesso de sentido. Talvez tenha que se bus-

campo profissional. Não há perspectiva exterior nem saber objetiva: só há perspectiva dialógica (Bakhtin), em que o observador é parte constitutiva do sistema que estuda. Como psicanalista, prefiro situar a reflexão não tanto na identificação de traços ou arestas cla-

ras ou clarificáveis, mas nos confins onde clareza e enigma caminham lado a lado. De todos os questionamentos sobre as origens, a lógica cognitiva ordinária é a que mais facilmente discrimina e precisa o intervalo entre o ruído e o sentido. Penso que o discernimento que conquistarmos estará mais nas perguntas que conseguirmos formular, no espaço de problemas que conseguirmos sugerir ou desenhar, do que nas respostas astutas ou estúpidas que acalmem e fechem nossas inquietações.

Deus nos livre de buscar explicações que dicotomizem fatores subjetivos e objetivos - econômicos, demográficos, sociológicos e psicológicos. Se há alguma inteligibilidade possível, não está no suporte de exatidão, nem no realismo substancialista de oposições excludentes, mas sim na percepção de fatores múltiplos, entre os quais a subjetividade tem um lugar ineludível.

6. Diante destas perguntas cruciais que palpitam em nosso

cimo aniversário da guerra das Malvinas, frase pronunciada pelo presidente argentino: "Os mil mortos argentinos são archotes na rota do heroísmo latino-americano". É este o tipo de identidade nacional que se deve combater, porque onde há ürtigas, as plantas não crescem. A guerra das Malvinas foi desencadeada no momento oportuno em que a ditadura militar se via ameaçada pelo ressurgimento de movimentos populares, ocultando, pela exaltação nacionalista, a oposição fundamental entre uma ditadura criminosa e uma democracia. É fácil pensar que há uma coerência interna entre esse texto, como unidade discursiva elementar, e o modelo político-econômico que aquele personagem político representa e propulsiona.

Diante da "mercosulização" de nossa identidade - pujante, no auge, e, em muitos aspectos desejável - o que não quero é "mercosulizar" o tratamento dos *meninos de rua*, produto exemplar da modernização de nosso sistema produtivo. Penso que não há

ção, pois temo isso que eufemisticamente convencionou-se chamar de "ciência não-comprometida".

Na busca em que transito - o reconhecimento de que o tema da identidade também tem uma dimensão irracional - é bom estarmos sempre atentos para discernir o joio do trigo, o sagrado da podridão, quando o prazer de uma brisa, a silhueta de uma colina ou uma canção podem dar lugar às excrescências cancerosas de uma auto-referência altaneira e cega para a alteridade. Com nosso tema, o sagrado e o podre deverão ser tratados como oxímoros.

De modo ainda mais radical, eis a seguinte "pérola" do Sr. Terre Blanche, líder do partido de ultradireita da África do Sul: "Este é um país onde os pequenos homens negros que cheiram mal pretendem a igualdade com brancos que dispõem da tecnologia da bomba atômica e que conseguiram o transplante de corações". (*La República*, 18.3.92)

Se conseguirmos superar ou iludir a repugnância imediata e irrenunciável frente a nosso congênere racista, podemos nos surpreender com algo extraordinário nesta comparação: o que se opõe ao corpo supostamente desagradável não é o termo antinômico e luminoso da mesma série - um corpo branco e atraente - e sim argumentos de poder tecnológico, quer dizer, de poder, mas envoltos num texto que pretende, através de uma ilusão, transmitir racionalidade demonstrativa. Falso argumento, que mil vezes na História foi vendido como oposição entre civilização e barbárie, em nome de uma especificidade cultural, religiosa ou étnica.

Às vezes não é fácil distinguir - em nós ou fora de nós - entre a paixão taxionômica do racista, que discrimina para excluir e massacrar, e a paixão do semiótico, que busca, lendo com fineza, progredir na compreensão do mun-

**T**emo o que se convencionou chamar de "ciência não-comprometida": não há tratamento asséptico ou apolítico para o racismo.

presente - com certa desordem e a título de sugestão - eu, que não sou capaz de fazer uma lista sistemática e exaustiva, gostaria de abrir algumas trilhas de um caminho impossível de concluir.

Basta ler, a título de exemplo, a manchete que comemora o dé-

tratamento asséptico ou apolítico deste tema. Qualquer um que tenha essa pretensão, além de seu cinismo, toma uma posição radicalmente política. E, ainda que um psicanalista caia no panfleto quando confessa sua sensibilidade política, tal excesso cabe nesta situa-



do. O Sr. Terre Blanche - que fala em outro continente, mas em nossa mesma latitude - traz para nosso colóquio, com precisão telegráfi-

destino e uma projeção do que chamamos de identidade nacional, e que eu preferiria redefinir como memória coletiva.

A alteridade é percebida como risco de ruptura da unidade, que tanto protege quanto asfixia.

ca, uma semiologia que mostra algumas coisas que hoje nos importam: a distinção entre uma identidade baseada na diferença e outra, baseada na superioridade e na já mencionada falsa antinomia entre tecnologia e corpo, que é um curioso modo de tratar e de evitar o tema central da cultura<sup>13</sup>. Oposta a esta postura, com coquete modéstia, Gabriel García Márquez dizia que nunca queria esquecer que era o oitavo filho do empregado dos correios de Aracataca, um povoadinho da Colômbia. Este outro modo de situar nosso lugar e o lugar dos outros contém uma proposta identificatória de outra qualidade, e, seguramente, outra perspectiva para o porvir.

O que importa assinalar - além da anedota sem importância, mas que só ela permite evidenciar - é que grupo provém de nós<sup>14</sup>, designando um espaço interior discriminável de um fora. O "entre nós", que define uma identidade compartilhada, é uma operação que engendra e segrega um diferente, um alheio, um estranho, para o qual há que se assinalar um estatuto e uma função. Sustento que, no modo de tratar este diferente, manifesta-se e joga-se um

Essa maravilha da mesmice em série, da harmonia do nósso, busca um prazer no homogêneo. A alteridade é assim percebida como risco de ruptura da unidade, risco necessário, porque a "gemelaridade" primordial tanto protege como asfixia. Mas o que quero dizer é que o desenlace e o futuro desse "nós" que vai se constituindo dependem tanto da qualidade intrínseca do que se busque ou do que se consiga, como da natureza do intercâmbio com o fora, com o "exogrupo".

Nessa busca tão necessária do "nós", que define o próprio, o diferente é inquietante e, às vezes, insuportável. O que fazemos com a diferença e com os sentimentos que ela provoca? Admitimos ou apagamos, toleramos ou suprimimos esses sentimentos. Qual é o trânsito entre designar e ler o diferente, e o deslize, às vezes imperceptível, que impele à segregação pejorativa e à exclusão? Como, entre o próprio e o estranho, vai se deslizando o não compreensível, o difícil de ler, para o incômodo e o ridículo, que vai abrindo caminho para a lógica justificatória da exterminação...?

#### NOTAS:

1. Clastres, Pierre. *Chronique des Indiens Guayaqui*, 1972. *La Société contre l'Etat (Recherches de Anthropologie Politique)*. Collection "Critique", Les Editions de Minuit, 1974.
2. *Identidad Uruguaya: Mito, Crisis o Afirmación?* Compilación Achugar y Caetano. Textos de G. Verdesio y G. Caetano. Trilce. Montevideo, 1992.
3. N.T.: "Sudaca" é um neologismo espanhol, fruto da contração da expressão "sudamericano", utilizado pejorativamente para designar qualquer pessoa originária da América do Sul, principalmente argentinos e uruguaios.
4. N.T.: Optei por deixar o termo "hispano" sem tradução, porque, além de seu sentido ser óbvio para nós, é o termo utilizado pelos americanos, juntamente com "chicano", para se referir, indistinta e depreciativamente, a qualquer pessoa oriunda de países latino-americanos.
5. Todorow, T. *La conquista de América o la cuestión del otro*. Editions du Seuil. Paris, 1982. Tipología de la relación al otro. Cap. IV, pág. 191.
6. Op. Cit. ?
7. N.T. "Criollo" significa o indivíduo de raça branca nascido nas colônias européias de alésmar, especialmente na América. Pode significar também, na linguagem corrente no Uruguai, um indivíduo mestiço (branco com índio). O curioso é que a primeira definição também é fornecida pelo Aurélio para o termo português *crioulo*, que geralmente significa, pejorativamente, *negro*. O que terá acontecido para que este termo, ao longo da história, tenha deslizado para um sentido diametralmente oposto ao original?
8. ver nota (2).
9. ver nota (2).
10. Fish, Stanley. *Is There a Text in This Class?* Cambridge and London, Harvard University Press, 1980, págs 303-321.
11. L'Étranger. Crise, Representation. Colóquio de Lyon, 1984. *Colectivo de Acontecimientos Psicoanalíticos*, Paris.
12. Depois aprendi com José Pedro Barrán que esta distinção é conhecida na História. O conceito alemão de nacionalidade parte e conclui sobre o que o sujeito e a comunidade são (o "jus sanguinis" é o critério fundador). Na noção francesa, a ênfase é dada à eleição e à adesão ao projeto em comum.
13. Pode-se presumir que Terre Blanche, herdeiro de uma tradição judaico-cristã de pecado e culpa, coloca-se numa posição invejosa em relação aos odores do corpo - nesse oxímoro de atração e repulsa. Mas isto requeriria mais material e um desenvolvimento que excede os limites deste trabalho.
14. N.T. Entendemos que o autor faz uma referência à etimologia da palavra grupo. Sobre isto, consultar Barros, Regina D.B., *Grupo: A afirmação de um simulacro*. Tese de doutorado apresentada à PUC/SP, Setembro de 1994.